

Algumas contribuições do funcionalismo e da lingüística textual para o ensino de gramática na escola

Juliano Desiderato Antonio

Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. Autor para correspondência. e-mail: jdantonio@uem.br

RESUMO. Ainda há muito para se discutir no que diz respeito ao ensino de gramática na escola. Atualmente, uma posição mais ponderada defende que a gramática seja, sim, ensinada na escola, mas não a gramática tradicional. A gramática que se propõe que seja ensinada deve levar o aluno a refletir sobre o uso efetivo da língua, considerando o convívio das variantes lingüísticas, incluindo a norma considerada padrão. Neste trabalho, pretende-se apontar alguns tópicos da Lingüística Textual e do Funcionalismo que podem contribuir nesse sentido. Da Lingüística Textual, os conteúdos focalizados serão os mecanismos de construção e de categorização de objetos de discurso, e a função textual das nominalizações. Do funcionalismo, serão focalizados os mecanismos de introdução, manutenção e retomada de tópicos discursivos.

Palavras-chave: funcionalismo, lingüística textual, ensino de gramática, referenciação, nominalização, tópico discursivo.

ABSTRACT. Functionalism and textual linguistics contribution for teaching grammar at school. Although there is a discussion on the teaching of grammar at school, the current trend is not the traditional grammar, but a model of grammar that leads the students to reflect about the real use of the language with its linguistic varieties, including the normative one. The purpose of this paper is to discuss how textual linguistics and functionalism can help in that sense. The contents of textual linguistics focused are mechanisms to build and categorize discourse objects and the textual function of nominalizations. Besides, these contents of functionalism are the mechanisms to introduce, maintain and resume discursive topics.

Key words: functionalism, textual linguistics, grammar teaching, reference, nominalization, discursive topic.

Introdução

O progresso alcançado pelas teorias lingüísticas que têm o texto como objeto de estudo vem ocasionando uma grande reviravolta no ensino de Língua Portuguesa na escola. Em princípio, essas mudanças deveriam produzir uma completa transformação no panorama sombrio denunciado por grande parte do pessoal envolvido na área de educação. No entanto, inadequações na formação dos alunos de Letras e a falta de uma política eficaz de formação continuada de professores podem estar barrando os avanços benéficos que poderiam ser obtidos com a entrada dessas teorias lingüísticas na prática pedagógica do professor.

Em um primeiro momento, os professores, em cursos de formação promovidos pelas secretarias de educação, quer municipais, quer estaduais, ouviram dizer que não poderiam mais ensinar gramática na escola. Nesses cursos, ouviram que ensinar gramática era ensinar metalinguagem, e que

deveriam ensinar aos seus alunos *a língua*, e não *sobre a língua*. Nessa fase inicial de questionamento do papel da gramática na escola, também foi difundida entre os professores a concepção de linguagem como forma de interação, e o conceito de “erro lingüístico” passou a ser questionado. Os professores, que até então tinham como missão ensinar o “português correto”, já não mais podiam censurar os erros de seus alunos. Embora todas essas reflexões devessem ser feitas, não se apresentaram propostas concretas que pudessem ser seguidas pelos professores.

Em um segundo momento, passaram a ser difundidas (e continuam sendo) teorias lingüísticas cujo objeto de análise ia além da frase. A Lingüística Textual, a Análise do Discurso, a Semiótica, dentre outras teorias, passaram a ser ensinadas nos cursos de Letras e nos treinamentos oferecidos aos professores. Nessa época, produziram-se materiais de qualidade que tinham como objetivo aplicar essas teorias ao estudo do texto em sala de aula. A ampla

divulgação dessas teorias permitiu que novos gêneros textuais entrassem na sala de aula e convivessem com os textos literários dos chamados “grandes” escritores, que até então dominavam a cena. Como conseqüência, houve uma “modernização” dos livros didáticos pela introdução de textos dos mais variados gêneros, tais como quadrinhos, *charges*, anúncios publicitários, bulas de remédio, receitas de bolo, textos jornalísticos, etc. No entanto, as lições de gramática continuaram as mesmas. Retiram-se do texto frases ou palavras isoladas para classificação de função sintática, de categoria gramatical ou de classe de palavras.

Atualmente, uma posição mais ponderada defende que se ensine, sim, gramática na escola, mas não a gramática tradicional. A gramática que se propõe que seja ensinada na escola deve levar o aluno a refletir sobre o uso efetivo da língua, considerando o convívio das variantes lingüísticas, incluindo a norma considerada padrão.

Neste trabalho, pretende-se apontar alguns tópicos da Lingüística Textual e do Funcionalismo que podem contribuir nesse sentido. Da Lingüística Textual, os conteúdos focalizados serão os mecanismos de construção e de categorização de objetos de discurso, e a função textual das nominalizações. Do Funcionalismo, serão focalizados os mecanismos de introdução, manutenção e retomada de tópicos discursivos.

A Lingüística Textual, segundo Koch (2004), teve início entre as décadas de 1960 e 1970, com o estudo dos conceitos de coesão e de coerência e com as tentativas de construção de uma gramática do texto. Na década de 1980, a coerência deixa de ser vista como uma propriedade do texto. Em função dos avanços da pragmática-enunciativa, fatores como situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade, dentre outros, começam a ser levados em conta no estabelecimento da coerência, ou seja, passa-se a considerar que a coerência é construída na situação comunicativa, na interação entre o texto e os seus enunciadores e co-enunciadores. Nessa época, os estudos a respeito do processamento cognitivo do texto passam a ocupar posição de destaque, como, por exemplo, os processos de armazenamento e ativação do conhecimento na memória. Atualmente, vem obtendo grande desenvolvimento o estudo da referenciação, que aborda, dentre outras questões, como objetos de discurso são construídos e recategorizados em um texto.

Por sua vez, o Funcionalismo é uma teoria lingüística que estuda a língua em uso e que procura determinar a função dos elementos lingüísticos na

comunicação. Para os funcionalistas, a língua é “um instrumento de interação social entre seres humanos, utilizado com a intenção de estabelecer relações comunicativas” (Dik, 1989, p. 3). Essa interação social que se dá pela língua é uma atividade: (i) estruturada, por ser governada por regras, normas convencionadas; e (ii) cooperativa, por envolver pelo menos dois participantes. O Funcionalismo leva em conta dois tipos de regras: as de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica, que constituem as expressões lingüísticas mediadoras das interações verbais, e as de ordem pragmática, que governam os padrões de interação verbal em que as expressões são usadas. Desta forma, pode-se dizer que uma gramática funcional trata de forma integrada os componentes tratados isoladamente por outras teorias (Neves, 1994, 1997). Segundo essa orientação, um tratamento funcional da sintaxe e da semântica só pode ser realizado de forma adequada integrando a pragmática a esses outros componentes, e não a considerando um componente externo.

Propostas de análise

Construção e categorização de objetos de discurso

A referenciação é definida por Mondada e Dubois como “um processo de construção de um caminho ligando diferentes denominações aproximadas que não são excluídas pela última escolha” (2003, p. 30). A concepção adotada nos estudos relativos à referenciação não considera a língua um sistema de ‘etiquetas’ atribuídas a ‘coisas’. Pelo contrário, esses estudos tratam da relação entre o texto e o não-lingüístico, considerando que os objetos de discurso “são construídos em práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas” (Mondada e Dubois, 2003, p. 17).

A categorização de um objeto de discurso pelo produtor do texto pode deixar clara sua atitude em relação a esse objeto discursivo. Observe-se o exemplo 1.

Exemplo 1

Fãs de Napoleão exageravam sua dor

[1] O pobre imperador francês sofria fortíssimas dores de estômago. Não se sabe exatamente se a causa era úlcera ou câncer. O certo é que a doença começou a se agravar em 1817, quando ele tinha 48 anos. Em março de 1821, Napoleão caiu de cama e dela não saiu mais até a morte – cujo motivo é polêmico até hoje –, no dia 5 de maio do mesmo ano. É bem possível que o mal o obrigasse, vez por outra, a enfiar a mão no casaco para pressionar o abdome. Mas isso não acontecia o tempo todo,

diferentemente do que mostram muitos dos quadros que o retrataram.

Na época de Napoleão (1769-1821), e logo depois de sua morte, predominava o neoclassicismo nas artes. “Uma das fortes características desse estilo é valorizar o caráter heróico dos personagens”, conta o historiador Renato Brollesi, do Museu de Arte de São Paulo (MASP). [2] Assim, exagerava-se o lado mártir de Napoleão. “Era uma forma de dizer: apesar de todo o seu sofrimento, esse homem se sacrifica pela pátria”, diz Brollesi. Os principais pintores a representar o imperador foram os franceses Jacques-Louis David e Antoine Gros. Mas a imagem com a mão na barriga acabou sendo copiada por vários outros artistas. Revista Super Interessante, 139, abril/1999, p. 18.

O objeto de discurso ‘Napoleão’ é retomado, logo no início do texto, no trecho [1], pela expressão definida e modificada “o pobre imperador francês”. Outra expressão referencial chama a atenção no trecho [1]: “fortíssimas dores de estômago”. Observa-se, por meio dessas expressões, que o produtor do texto quer deixar claro que não descarta os sofrimentos pelos quais passou o imperador francês. No entanto, o objetivo maior a que o produtor do texto quer chegar é apresentar o exagero na representação da dor de Napoleão. Isso é feito com a ajuda das expressões referenciais “o lado mártir de Napoleão” e “todo o seu sofrimento” no trecho [2]. Em sala de aula, uma análise textual que considere a função das expressões referenciais pode ajudar o aluno a desvendar a orientação argumentativa do texto.

O estudo das expressões referenciais também pode ajudar a desmistificar a idéia tão difundida na escola de que existem textos neutros. No exemplo 2, as expressões referenciais utilizadas pelo produtor do texto para descrever o objeto de discurso Henrique Meirelles (o homem da moeda, o banqueiro, o presidente do Banco de Boston, o novo guardião da moeda) deixam clara sua atitude de aprovação em relação ao ‘novo presidente do Banco Central’. Essas expressões selecionam características do objeto de discurso Henrique Meirelles que podem ser consideradas positivas para um ‘homem da moeda’ ou ‘guardião da moeda’, isto é, ser banqueiro, ter sido presidente de um grande banco internacional.

Exemplo 2

O homem da moeda

O banqueiro entrou na política porque não queria se aposentar jogando golfe e renunciou ao mandato pelo PSDB para presidir o BC

Em 1994, o presidente do Banco de Boston – rebatizado BankBoston – Henrique Meirelles integrou-se à ONG Fundação Travessia no recém-criado projeto para tirar crianças da rua. (...) É esse estilo objetivo, focado no resultado, que o novo guardião da moeda irá levar para a presidência do Banco Central. Revista Istoé Gente, 179, 06/01/2003, p. 37.

Nominalizações

Para Chafe (1985), por meio da nominalização, verbos e adjetivos abstratos são transformados em substantivos que podem ser usados como argumentos de outros verbos. Do ponto de vista de sua função textual, as nominalizações podem atuar no encapsulamento anafórico, definido por Conte (2003, p. 178) como “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto”.

A análise do Sentagma nominal (SN) *essa combinação*, no exemplo 3, permite a observação de algumas características do encapsulamento anafórico. Em primeiro lugar, o nome geralmente vem acompanhado por determinante demonstrativo. Em segundo lugar, o leitor/ouvinte do texto deve construir o referente do SN, que não é um indivíduo, mas pode ser um estado de coisas, um evento, uma situação, um processo, um fato, uma proposição ou um ato de fala (Conte, 2003).

Exemplo 3

As meninas estão na área

Quem melhor do que Docinho, Florzinha e Lindinha para salvar a cidade de Townsville das garras do diabólico Macaco Loco? Nas horas de aperto, ninguém supera a garra das três protagonistas do filme *As Meninas Superpoderosas*, em cartaz nacional nos cinemas. Com visão de raio laser, supervelocidade e força sobre-humana, elas sempre conseguem vencer o mal antes da hora de dormir. Afinal, Docinho, Florzinha e Lindinha foram criadas no laboratório do Professor Utônio para serem bem-educadas e obedientes e ainda estão no jardim da infância, o que não as impediu de se tornar super-heroínas. Essa combinação de graciosidade e força extrapola os limites da tela. Revista Istoé, 1712, 24/07/2002, p. 63.

As nominalizações também podem atuar na organização textual, servindo como elo de ligação entre partes do texto. Ao mesmo tempo em que sumariza a porção textual anterior, a nominalização serve de ponto de partida para o trecho seguinte. Com base na distinção dado / novo, pode-se dizer que a nominalização, por trazer informação dada, tem função temática (Halliday, 1985), permitindo

que novas predicacões sejam feitas a respeito dos conteúdos já apresentados. É o que se observa no exemplo 4, com o SN *a descoberta*. O co-texto anterior trata dos estudos a respeito do gene CEM15, que impede que o vírus da Aids penetre nas células. O SN *a descoberta* retoma tudo isso e permite que sejam acrescentadas informações novas.

Exemplo 4

(...) A descoberta abre portas para se entender mais uma das artimanhas do HIV e traz a possibilidade de driblar o inimigo com outras opções de tratamento. Revista Istoé, 1712, 24/07/2002, p. 50.

Introdução, manutenção e retomada de tópicos discursivos

O conceito de tópico está relacionado à noção de “acerca de”, ou seja, todo texto é “acerca de” certas entidades (Jubran *et al.*, 1992). Para efeito de ilustração, Dik (1989) afirma que um texto pode ser comparado a um estoque de tópicos, vazio no início, mas que vai sendo gradualmente preenchido conforme tópicos vão sendo introduzidos no texto. Um tópico é chamado novo quando é introduzido pela primeira vez. A partir daí, torna-se um tópico dado.

Introdução de um novo tópico

Dik (1989) apresenta alguns mecanismos lingüísticos que podem ser utilizados na introdução de novos tópicos.

-Asserção metalingüística

Emprego de elementos que explicitam o tópico discursivo, como a preposição *sobre*, no exemplo 5.

Exemplo 5

Essa história é sobre um rapaz que chega, numa cidade (...)

Narrativa escrita, produzida por aluno do 1º ano do Ensino Médio

-Posição sintática de objeto

A introdução de novos tópicos é bastante comum utilizando-se o segundo argumento do verbo, como no exemplo 6.

Exemplo 6

Caminhando pela rua, encontrou uma moça (...)

Narrativa escrita, produzida por aluno do 1º ano do curso de Letras

-Posição sintática de sujeito

Quando a introdução de um novo tópico é feita pelo primeiro argumento do verbo, emprega-se, geralmente, uma construção existencial, como “era uma vez”, do exemplo 7.

Exemplo 7

Era uma vez um homem que estava vindo .. estava vindo .. de uma viagem

Narrativa oral, produzida por aluno da 5ª série do Ensino Fundamental

-Predicados que designam “aparecimento em cena”

Certos verbos trazem a noção de “aparecimento em cena”, entrada, etc, como o verbo “aparecer”, no exemplo 8.

Exemplo 8

(...) eis que aparece o pai da moça (...)

Narrativa oral, produzida por aluno do 1º ano do curso de Letras

Manutenção de tópicos

Para que possa haver compreensão, certos tópicos devem ser mantidos ao longo de um texto e as novas predicacões são feitas a respeito desses tópicos dados. Dik (1989) também apresenta alguns mecanismos para manutenção dos tópicos discursivos.

-Referência anafórica

Um tópico dado pode ser mantido como ponto de partida de várias predicacões por meio da retomada anafórica. Vários mecanismos coesivos podem ser utilizados para essa finalidade (cf. Halliday e Hasan, 1976), como a retomada por pronome pessoal, por pronome possessivo, por elipse, por sinônimo, etc. No exemplo 9, a entidade *João* é retomada lexicalmente na primeira unidade. Nas unidades seguintes, essa entidade é retomada anaforicamente, como tópico dado, por elipse.

Exemplo 9

... de madrugada João ouviu alguns ruídos lá fora,

.. e desceu para verificar o que era,

.. viu uma grande festa na praça,

e lá foi para tentar se divertir,

.. ouviu música,

assistiu danças,

... e andou pela praça.

Narrativa oral, produzida por aluno do 1º ano do curso de Comunicação Social

-Paralelismo sintático

Em português, o tópico dado coincide com a posição inicial da oração. Assim, um tópico dado pode ser mantido se aparecer nessa posição em uma seqüência de orações, sendo retomado anaforicamente por qualquer um dos mecanismos descritos no tópico de referência anafórica. É o caso do exemplo 9, em que o tópico coincide, em todas as orações, com a função sintática sujeito.

-Subtópicos

Os subtópicos são entidades inferíveis a partir dos tópicos, com base em nosso conhecimento de mundo. São tratados como tópicos dados. É o caso do SN “no primeiro encontro”, no exemplo 10. É plausível que o produtor do texto tenha inferido que, no modelo textual de seus interlocutores, “encontros” façam parte do roteiro de uma viagem oficial do governo.

Exemplo 10

Lula defende crescimento e distribuição de renda

No terceiro dia da viagem oficial do governo brasileiro à Índia, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva participou de dois eventos importantes em hotéis de Nova Déli onde falou sobre desenvolvimento econômico, distribuição de renda e discursou para empresários indianos e brasileiros. As informações são da Agência Brasil.

No primeiro encontro, o presidente abriu, às 10h no horário local, o seminário “Brasil-Índia Desenvolvimento Sustentável: Perspectivas e Possibilidades”. Em seu discurso, Lula afirmou que não acredita em crescimento sem distribuição de riquezas. Ele disse que o crescimento econômico no Brasil precisa ser acompanhado de medidas que façam uma transferência de recursos. O Diário do Norte do Paraná, de 28/01/2004

Retomada de tópicos

Quando uma determinada entidade deixa de ser mencionada no texto, ela precisa ser retomada para poder ser novamente utilizada como tópico. Os principais mecanismos apontados por Dik (1989) para essa finalidade são:

-Indicação de mudança de um tópico dado para outro tópico dado

Em português, essa mudança comumente é feita lexicalmente. No caso do exemplo 11, a alternância entre os tópicos dados *João*, *o pai de Maria* e *os guardas* não poderia ser feita por meio de pronomes, pois os referentes são de gênero masculino. Também não poderia ser feita por elipse, uma vez que não há coincidência entre sujeito e tópico.

Exemplo 11

João pula o muro e vai até o quarto de Maria. O pai de Maria chega, e João assustado sai correndo quando ele pula o portão os guardas seguram ele

Narrativa escrita, produzida por aluno da 5ª série do Ensino Fundamental

-Referência anafórica

No exemplo 12, diferenças nas categorias gênero e número permitem o emprego de pronomes para a retomada de tópicos dados: o rapaz (masculino, singular), retomado pelo pronome *ele*; a moça (feminino, singular), retomado pelo pronome *ela*; o rapaz e a moça (plural), retomados pelo pronome *eles*.

Exemplo 12

... ELE pulou o muro,
.. abriu a porta,
e entrou no quarto da moça.
... ela ficou .. muito feliz,
.. pois estava triste,
.. chorando,
... com vontade de vê-lo .. TAMBÉM.
.... ENTÃO .. eles se abraçaram,
se beijaram.

Narrativa oral, produzida por aluno do 1º ano do curso de Letras

-Indicação de que a entidade já foi mencionada anteriormente

Nesse caso, o produtor do texto indica implícita ou explicitamente que o tópico já foi mencionado anteriormente.

Como pode ser observado nos exemplos apresentados, em geral os tópicos novos aparecem em posição final da oração, pospostos ao verbo. Por sua vez, os tópicos dados aparecem em posição inicial, antepostos ao verbo. Essa é, segundo Halliday (1985), a perspectiva tema / rema, que organiza a oração enquanto mensagem. O tema é identificado como o elemento que vem na posição inicial da oração, trazendo, em geral, informação dada. O tema funciona como ponto de partida da predicação. Em outras palavras, é o “tópico” da oração. O rema é o restante da oração, ou seja, é o que se predica a respeito do tema. O rema não traz, necessariamente, informação nova, mas, em geral, toda informação nova é codificada no rema. Deste modo, pode-se afirmar que a determinação da posição dos

elementos lingüísticos na oração não se dá apenas com base em regras sintáticas, mas é determinada por regras pragmáticas, como o estatuto da informação (dada ou nova).

O conhecimento dessas regras é importante para que o professor de Língua Portuguesa possa trabalhar essas questões com seus alunos nas atividades de reformulações de textos. Não se defende, aqui, que o aluno tenha que dominar essa teoria. Quem deve ter esse conhecimento é o professor, que deve levar o aluno ao domínio tácito dessas regras. O texto do exemplo 13 representa um caso de texto que deveria ser reformulado com base no conhecimento da estrutura tema / rema e dos mecanismos de introdução, manutenção e retomada de tópicos.

Exemplo 13

Num dia um homem chegou na cidade chamada Novo Panorama e ele chegou e viu uma mulher chorando e foi andando e viu um velhorio e um jornalista e ele pediu um jornal e viu o homem que tinha morido e depois estava tendo uma festa na cidade e ele viu uma mulher muito bonita e quando ele foi chegando perto dela o pai dela chegou com os seguransa e mandou ela entra para dentro e ela foi chorando para dentro após os seguransa fechou o portão e ficou lá na porta e o rapas entrou escondido lá e comersaram a se beijar.

E o pai dela viu eles se beijando. E ai o rapaz pasou uma rasteira no pai dela e saiu corendo e os seguransa saiu a traz. E o rapaz foi na casa de um senhor que fazia avião e o rapaz mandou fabricar uma ave que avoava para ele fuzir. E o rapaz foi na casa da mosa com a ave e colocou a corda dentro do carto dela e eles fuziram na ave e foram em bora.

Narrativa escrita, produzida por aluno da 5ª série do Ensino Fundamental

Considerações finais

Neste artigo, procurou-se apontar alguns mecanismos de construção do sentido do texto que têm sido deixados de lado no ensino de Língua Portuguesa. Esses mecanismos são estudados pela Lingüística Textual e pelo Funcionalismo e podem colaborar no ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa. O ensino de gramática que se defende aqui não é baseado em nomenclatura, mas sim na função dos elementos lingüísticos na comunicação.

Da Lingüística Textual aproveitaram-se os mecanismos de construção e de categorização dos objetos de discurso. Foram discutidas, também, as funções das nominalizações no encapsulamento anafórico e na organização textual.

Do Funcionalismo foram discutidos os mecanismos de introdução, manutenção e retomada de tópicos.

Espera-se que análises desse tipo possam ser difundidas nos cursos de Letras e nos cursos de formação continuada para professores de Língua Portuguesa. Se os professores levarem para suas salas de aula o conhecimento de regras pragmáticas do funcionamento da língua, seus alunos terão acesso a um conhecimento maior da língua em uso, em sua unidade maior de análise, ou seja, o texto.

Referências

- CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D.R. et al. (Ed.) *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CONTE, M.E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M.M. et al. (Org.). *Referenciação*. S. Paulo: Contexto, 2004.
- DIK, C.S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: E. Arnold, 1985.
- JUBRAN, C.C.A.S. et al. Organização Tópica da Conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Unicamp, v. 2, 1992.
- KOCH, I.G.V. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.M. et al. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- NEVES, M.H.M. *Uma visão geral da Gramática Funcional*. Alfa, Araraquara, v. 38, p. 109-127, 1994.
- NEVES, M.H.M. *A Gramática Funcional*. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.

Received on February 07, 2005.

Accepted on June 19, 2005.